



Ricardo George de Araújo Silva\*  
Francisco Lucas Monte Celestino\*\*

## RESUMO

O presente artigo científico apresenta como sua problemática uma aproximação possível, guardados os limites temporais e conceituais, entre os filósofos da política, Hannah Arendt e Nicolau Maquiavel, na crítica à tradição do pensamento político e em relação ao conceito de aparência desenvolvido pelos autores. O objetivo geral da pesquisa é mostrar até que ponto essa aproximação entre os autores pode ser feita por meio da identificação de pontos de convergência e de divergência em suas ideias filosóficas, estabelecendo-se, como recorte, a tradição do pensamento político e o conceito de aparência. A hipótese sugerida é que tanto Arendt, quanto Maquiavel, possui pontos de convergência a partir de suas posições em relação à tradição do pensamento político, bem como no que diz respeito ao conceito de aparência. Trata-se de uma pesquisa, cuja metodologia é teórica e bibliográfica ancorada em livros, artigos e trabalhos acadêmicos publicados em periódicos e revistas pertinentes ao tema investigado.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt. Maquiavel. Filosofia Política. Aparência. Tradição.

## A possible theoretical approach between Hannah Arendt and Niccolò Machiavelli

## ABSTRACT

This scientific article addresses, as its central issue, a possible approximation—within temporal and conceptual limits—between the political philosophers Hannah Arendt and Niccolò Machiavelli, particularly in their critique of the tradition of political thought and their respective approaches to the concept of appearance. The general objective of the research is to demonstrate the extent to which such an approximation between the authors can be established by identifying points of convergence and divergence in their philosophical ideas. The study focuses specifically on the tradition of political thought and the concept of appearance. The proposed hypothesis is that both Arendt and Machiavelli share points of convergence in their positions regarding the tradition of political thought, as well as in their understandings of the concept of appearance. This is a theoretical and bibliographical study, grounded in books, articles, and academic works published in journals and periodicals relevant to the topic under investigation.

**Keywords:** Hannah Arendt. Machiavelli. Political Philosophy. Appearance. Tradition.

\* Doutor em Filosofia - UFC (2018), Mestre em Filosofia - UFC (2006), Graduado em Filosofia - Licenciatura com habilitação em história - UECE (2002). Atualmente é professor da Graduação e do Mestrado Acadêmico em filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA - Sobral - CE. É professor do quadro permanente do mestrado profissional em filosofia da Universidade Federal do Ceará [PROF-FILO-UFC]. Foi professor efetivo da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE (2009 - 2011). Foi Professor efetivo da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFERSA (2011-2012). É líder do Grupo de Pesquisa em Política, Educação e Ética - GEPEDE/UVA/CNPQ. Coordena o Laboratório de Estudos da Política - LEPOL/UVA, que desenvolve pesquisas e observações em torno do fenômeno político. É editor da Revista Reflexões de Filosofia. E-mail: ricardogeon1@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7190575211736938>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1954-1395>.

\*\* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Foi estagiário da Promotoria de Justiça da Comarca de Santana do Acaraú/CE. Possui pós-graduação em Direito Constitucional pela instituição Damásio Educacional S/A. Integra o Grupo de Estudos em Política, Educação e Ética (GEPEDE/UVA/CNPQ) vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e é professor orientador da Liga de Direito Constitucional e Política do Curso de Direito da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Por fim, é professor do Curso de Direito da Uninassau Sobral. E-mail: lucasmontecelestino@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6157205018765180>.

## Introdução

A pesquisa problematizará a possibilidade de aproximação entre Hannah Arendt e Nicolau Maquiavel a partir da consideração crítica à tradição do pensamento filosófico, bem como o desenvolvimento do conceito de aparência pelos autores, guardadas as restrições temporais e conceituais. Assim, o objetivo geral do trabalho será mostrar até que ponto podem ser feitas essas aproximações entre os autores pela identificação de pontos de convergência e de divergência em suas ideias filosóficas, tendo como recorte considerações sobre a tradição do pensamento político e o conceito de aparência.

Ao longo da leitura dos textos examinados para o desenvolvimento do presente trabalho, percebeu-se um certo afastamento de Arendt e Maquiavel em relação à tradição do pensamento político, por conta da incapacidade da mesma em explicar os fenômenos políticos por meio de estruturas conceituais já exauridas, sendo então uma hipótese da pesquisa a convergência entre os filósofos quando se trata da tradição.

Para além desse posicionamento diferenciado frente à tradição filosófica, Arendt e Maquiavel também poderão ser aproximados em relação ao conceito de aparência, o qual permeou, desde a Antiguidade Clássica, várias discussões no âmbito da Metafísica, relacionando-o ou afastando-o de outra formação conceitual importante, qual seja, a essência.

Outra hipótese levantada pela presente pesquisa consistirá em mostrar que há uma preocupação sobre o conceito de aparência em ambos os autores, seja em Maquiavel com sua defesa da criação de uma imagem do príncipe para conservar o seu poderio por meio de um juízo de aprovação de seus súditos, seja o espaço público como ambiente de aparência defendido por Arendt.

Por fim, após realizar um itinerário sobre a postura dos autores em face da tradição do pensamento político-filosófico, bem como as possíveis aproximações diante da relevância dada ao conceito de aparência por ambos, isso levará o presente trabalho a defender a possibilidade de aproximação entre Arendt e Maquiavel, tendo ciência, obviamente, das diferenças temporais e preocupações específicas de cada um deles.

A metodologia empregada no trabalho em questão consistiu em uma pesquisa teórica e bibliográfica realizada por meio da utilização de livros, artigos científicos publicados em revistas e teses pertinentes ao tema investigado.

### **Arendt, Maquiavel e a tradição do pensamento político-filosófico**

As críticas à tradição do pensamento filosófico foram pontuadas por Arendt, principalmente, pela inaptidão para se explicar ou mesmo para se impedir um fenômeno traumático como a experiência totalitária. Sabe-se que o totalitarismo se mostrou uma experiência completamente nova, a qual estilhaçou de forma angustiante os conceitos de poder, autoridade e as formas de governo difundidos na tradição da Filosofia Política.

No livro *Origens do Totalitarismo*, Arendt realizou um diagnóstico da experiência totalitária, em especial do nazismo alemão, ao descrever o evento diante de si em uma tentativa de compreendê-lo, já que o mesmo se caracterizou como um ponto de ruptura: “Numa situação como a dos governos totalitários o passado não tem autoridade sobre o presente e os fundamentos tradicionais de compreensão foram estilhaçados” (Aguar, 2021, p. 4).

Ou seja, o totalitarismo desafiou a compreensão sobre o fenômeno político desenvolvida até a contemporaneidade pela filosofia e ciência políticas e, embora tal experiência pudesse ser enquadrada como contrária à vida política, tratava-se de um governo, ainda que novo e desvirtuado. Por conta dessas dificuldades, percebe-se que a filosofia arendtiana não se baseia apenas no espanto típico da tradição filosófica que impulsiona ao conhecimento das coisas, como também, reputam-se o choque e o impacto trazidos pela realidade:

Compreender não significa negar nos fatos o chocante, eliminar deles o inaudito, ou, ao explicar fenômenos, utilizar-se de analogias e generalidades que diminuam o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa, antes de mais nada, examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós – sem negar sua existência, nem vergar humildemente ao seu peso. Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela – qualquer que seja (Arendt, 2021, p. 12).

Com essa concepção, acrescenta-se o elemento da resistência como importante para se compreender a experiência política, pois somente examinar e investigar a mesma se valendo de balizas conceituais, que representavam uma fuga da crueza da realidade, demonstrou-se insuficiente. Os acontecimentos do século XX exigiram dos filósofos e cientistas políticos a necessidade de, conscientemente, encarar a realidade tal qual a mesma se apresenta e resistir aos eventos.

A experiência se mostra muito cara para a visão arendtiana, pois por meio delas é possível buscar uma compreensão sobre os eventos. Por isso muitos autores a apontam como uma fenomenóloga<sup>1</sup>. É por isso que, Arendt, ao analisar o totalitarismo na Alemanha nazista, descreveu os seus elementos que se impunham e se apresentavam a partir do evento mesmo e do horror da experiência.

Pode-se ilustrar essa ruptura do totalitarismo ao diferenciá-lo de um regime tirânico ou ditatorial nas palavras arendtianas, tendo aquele uma característica fundamental, qual seja a destruição da coexistência entre os seres humanos:

O que é importante em nosso contexto é que o governo totalitário é diferente das tiranias e das ditaduras; a distinção entre eles não é de modo algum uma questão acadêmica que possa ser deixada, sem riscos, aos cuidados dos “teóricos”, porque o domínio total é a única forma de governo com a qual não é possível coexistir (Arendt, 2021, p. 420).

Então, a autora entendeu que nos regimes ditatoriais ou tirânicos não existe uma pretensão de destruição da pluralidade humana, baseada na coexistência do espaço público e essencial para a própria política, tal como se viu no totalitarismo. Neste, busca-se a eliminação do espaço público, da resistência ao regime e da própria política com a consumação do domínio total.

Feitas essas breves considerações sobre o “lugar” do pensamento arendtiano frente à tradição do pensamento político, cabe tecer comentários sobre a posição de Maquiavel diante do cenário da filosofia política. Maquiavel, ao seu turno, escreveu sobre política de um modo novo para sua época, por meio de uma perspectiva diversa daquela difundida pela tradição do pensamento filosófico, qual seja “[...] não a do

---

<sup>1</sup> A corrente majoritária defende Arendt como uma fenomenóloga, porém há alguns comentadores que identificam em sua obra influências de caráter hermenêutico e da filosofia da existência: “Defendo, nesta tese, que Arendt é uma herdeira de três escolas filosóficas que a auxiliam a montar sua moldura de pensamento: a fenomenologia, a filosofia da existência e a hermenêutica. Seu quadro teórico-conceitual é proveniente de fragmentos da filosofia alemã à qual é contemporânea, o que não implica em uma adequação ou filiação efetiva da autora a qualquer uma delas” (Dias, 2019, p. 19).

filósofo que, munido de sua malha conceitual, tentará capturar a realidade política, mas a do pensador político que leva em conta a experiência política dos homens” (Adverse, 2008, p.114).

Ou seja, não se pode refletir sobre a política a partir de conceitos ou padrões externos a mesma, pois esse esforço se limitaria apenas a uma tentativa de apreensão da realidade política. A política, enquanto experiência compartilhada entre seres humanos, precisa ter como ponto de partida a própria experiência humana.

Um aspecto importante é que Maquiavel desenvolveu o denominado realismo na política. Trata-se de uma visão política mais pragmática, menos arraigada de ditames moralistas e muito influenciada pelas próprias experiências pessoais do filósofo diretamente com a coisa política, suas estratégias e limites:

Maquiavel fez a experiência de um mundo que não pode ser inteiramente compreendido sem se levar em conta que a ação e seu caráter imprevisível o constituem tanto quanto as forças da tradição e o exercício da palavra. O par conceitual *virtù-fortuna*, que tanta importância terá na filosofia do Secretário Florentino, pôde ser elaborado teoricamente porque nasceu de uma experiência direta das coisas da política e de seus limites (Bignotto, 2024, p. 88).

Evidentemente, essa noção de experiência cara para Maquiavel, que será muito importante para o desenvolvimento do seu realismo político, não é a mesma difundida a partir da fenomenologia, a qual entende aquela, enquanto uma vivência ativa da subjetividade em relação com a realidade com capacidade de percepção consciente das coisas manifestadas e com possibilidade de interpretá-las:

[...] se é certo que “experiência” no texto de Maquiavel não tem o mesmo sentido que adquire na fenomenologia, é igualmente verdadeiro que o discurso sobre as ações dos homens é construído não a partir do exterior, mas de uma forma de vivência, de “experiência” (Adverse, 2008, p. 114).

No que diz respeito à importância sobre as ações dos homens, Maquiavel promoveu um deslocamento das atenções do discurso filosófico para o interior da vida política da mesma forma que Arendt: “[...] Hannah Arendt, na trilha de Maquiavel, sempre tomou os negócios humanos pelo que são e não pelo que deveriam ser. Assim, os seus conceitos e as suas escolhas teóricas estiveram demarcadas pela experiência” (Silva, 2018, p. 378).

Aqui vê-se um ponto de convergência com Arendt, sobretudo como um sinal de esgotamento da tradição do pensamento filosófico em dar conta da realidade política, exigindo-se uma tomada pelos negócios humanos na medida em que são e constituem o domínio político. O interesse de Arendt no trabalho filosófico de Maquiavel, como afirma Adverse (2008, p. 113), “[...] é que seu trabalho intelectual dificilmente poderia encontrar lugar no quadro da tradição da filosofia política [...]”. Por isso, atentando-se para a obra maquiavélica, Arendt chegou a ministrar um curso sobre o filósofo florentino, no ano de 1955, na Universidade de Berkeley nos Estados Unidos da América (EUA).

Arendt defendeu que havia na filosofia uma pretensão de impor padrões à vida política, o que contribuiu para um distanciamento entre ambas: “A filosofia política implica necessariamente a atitude do filósofo para com a política; sua tradição iniciou-se com o abandono da política por parte do filósofo, e o subsequente retorno deste para impor seus padrões aos assuntos humanos” (Arendt, 2022, p. 64).

Em muitas passagens de sua obra, Arendt cita Platão e sua *Alegoria da Caverna* como ilustrativas dessa fratura entre a filosofia e a política. O filósofo que se libertou das amarras do fundo da caverna, responsável por representar os assuntos humanos, entre os quais a vida política, e conseguiu acessar as ideias eternas e imutáveis, retornou para aplicá-las, em uma tentativa de normatizar o domínio político.

A essa altura, percebe-se que tanto Arendt, quanto Maquiavel apresentam posturas de afastamento da tradição do pensamento político-filosófico e ambos, ao seu modo, trazem novas compreensões sobre o fenômeno político, tendo como ponto de partida a própria política e os assuntos humanos. Pelo exposto, trata-se de um ponto de convergência possível entre os dois autores.

Essa convergência defendida no presente artigo é interessante, pois Maquiavel é responsável por legar para a história do pensamento humano a forma como conhecemos, hodiernamente, o Estado e a visão mais pragmática do fenômeno político. Porém, o filósofo florentino, quando desenvolveu suas ideias e sua obra mais importante, *O Príncipe*, estava imerso no longínquo século XV. Ele não tinha vivenciado um evento trágico, como o totalitarismo do século XX, época de Arendt.

Por isso, essa distância temporal não pode ser desconsiderada, principalmente, porque, quando Arendt critica a tradição do pensamento político precedente a ela, Maquiavel, necessariamente, está inserido na mesma. Entretanto, Arendt não

rebaixou por completo a tradição, tampouco foi sua intenção retirar a dignidade da mesma, pois muitos dos conceitos arendtianos partem dessa mesma tradição a partir de novas leituras propiciadas pelos eventos e experiências do século XX.

Portanto, defende-se que as posturas de Maquiavel e de Arendt em relação à tradição se aproximam na medida em que eles tentam se afastar dela para ressignificar a compreensão sobre a política. Isso não é apenas um jogo de palavras, tampouco um exercício poético, pois ambos os autores notaram algo essencial para o desenvolvimento de seus itinerários filosóficos, qual seja, o esgotamento ou exaustão da tradição político-filosófica.

### **O conceito de aparência em Maquiavel e em Arendt**

Após os comentários sobre a postura de Arendt e de Maquiavel em relação à tradição do pensamento político-filosófico, destacando que tal questão pode ser levantada como um ponto de convergência entre os autores e os limites disso, chega-se o momento de expor algumas considerações sobre o conceito de aparência em ambos para também demonstrar mais um aspecto dessa aproximação de ideias investigada na presente pesquisa.

Um dos pontos importantes da obra de Maquiavel é a sua preocupação com o conceito de aparência e isso pode ser visto no capítulo XVIII do livro *O Príncipe*:

Cuide pois o príncipe de vencer e manter o Estado: os meios serão sempre julgados honrosos, e louvados por todos, porque o vulgo está sempre voltado para as aparências e para o resultado das coisas, e não há no mundo senão o vulgo; a minoria não tem vez quando a maioria tem onde se apoiar (Maquiavel, 1996, p. 85-86).

Ou seja, mais do que se valer de meios violentos ou da imposição de domínio, o príncipe deve ostentar uma espécie de imagem perante o vulgo para que este, por meio de um juízo de aprovação, manifeste seu assentimento acerca do exercício do poder. No âmago da questão da aparência, que pode ser entendida como uma manifestação, uma revelação de uma realidade, é cabível tecer considerações sobre o tema da imagem, tendo em vista a concepção de Maquiavel, na medida do sentido a seguir: “[...] um ator político apenas se constitui como tal na medida em que dá de si uma imagem, na medida em que aparece ao outro no espaço público, o que implica

afirmar que o exercício do poder depende de algum assentimento” (Adverse, 2008, p. 116).

Essa ideia é deveras interessante quando se desloca a lupa filosófica para a política contemporânea, sem que se cometa anacronismos com o filósofo florentino. Hodiernamente, as figuras políticas investem em *marketing* para se posicionar perante seu eleitorado, ostentando uma imagem positiva em cada aparição seja em eventos políticos, como comícios e carreatas, seja nas postagens nas redes sociais com o advento das novas tecnologias a fim de conquistar a aceitação ou assentimento desse público. As vestimentas, as palavras meticulosamente selecionadas e usadas nos discursos públicos, o corte de cabelo, os gestos, os acessórios, tudo conta na criação ou na manutenção de uma imagem.

Para efeito de ilustração, é importante trazer dados da vivência política, pois a lição dada por Maquiavel e depois por Arendt é que precisamos compreender a política a partir dela mesma. No Brasil recente, antes mesmo de chegar à Presidência no ano de 2018, Jair Messias Bolsonaro criou e sustentou uma imagem do “mito”, militar armado e corajoso, pronto para enfrentar os comunistas, com gestos de arma com as mãos.

Bolsonaro, chegou ao seu público por fotos e vídeos que se tornaram memes. Tornou-se uma coqueluche a foto dele chutando o boneco do Lula com pijama de prisioneiro. Seus filhos se mostraram armados em comícios, propositadamente – para que fossem assim fotografados. Ele propagou os gestos obscenos de atirar com as mãos e os dedos. Ele agarrou a câmera de TV e fez dela uma metralhadora para “eliminar a petralhada” (Ghiraldelli Júnior, 2019, p. 100).

Com isso, o candidato da extrema direita brasileira almejava criar e criou perante o seu séquito a imagem do “mito” armado. A arma como um símbolo de violência e de morte foi capaz de povoar o imaginário na época eleitoral, pois representava a insatisfação ruidosa e enraivecida de parte da população, sobretudo da classe média, com os altos e baixos da economia brasileira e da insegurança. Por isso, o “mito” armado prometia salvar o país da insegurança (um símbolo de violência para combater a violência), da corrupção comunista e da instabilidade econômica por meio de uma plataforma neoliberal.

Em contraposição, Luís Inácio Lula da Silva, antes de chegar à Presidência do Brasil pela primeira vez no distante ano de 2003, cabeludo e barbudo à moda marxista,

foi taxado de comunista radical, diante de seu passado sindicalista. Tal imagem propagada por seus adversários durante a campanha eleitoral ficou entranhada e deixou em polvorosa o mercado que buscava uma opção mais moderada. Lula perdeu três eleições presidenciais (1989, 1994 e 1998) e para chegar ao poder, essa imagem inicial precisava ser mudada, havia a necessidade de uma mensagem diferente a ser propagada em direção ao eleitorado. Por isso, surgiu o “Lulinha paz e amor”, barba feita, cabelo cortado, bem como houve a confecção da “carta ao povo brasileiro”, documento importante, nesse contexto, para passar confiança e tranquilidade para as elites brasileiras

Realizados esses parênteses sobre exemplos da realidade brasileira, volta-se para Maquiavel, pois para ele, nas palavras de Adverse (2008, p.117) “[...] a verdade da política é a aparência”. Dessa forma, o domínio da política é caracterizado por um domínio de aparência. Outra passagem importante da obra *O Príncipe*, na qual se pode extrair essa conclusão, ainda no interior do capítulo XVIII citado, é que Maquiavel defendeu que o governante não, necessariamente, deve possuir qualidades virtuosas, mas aparentar tê-las perante os seus governados:

Logo, deve um príncipe cuidar para que jamais lhe escape da boca qualquer coisa que não contenha as cinco qualidades citadas. Deve parecer, para que o virem e ouvirem, todo piedade, todo fé, todo integridade, todo humanidade e todo religião. Não há nada mais necessário do que parecer esta última qualidade. Os homens, em geral, julgam as coisas mais pelos olhos que com as mãos, porque todos podem ver, mas poucos podem sentir (Maquiavel, 1996, p. 85).

Ou seja, dentro dessa visão maquiavélica, mais vale para o político provocar no seu interlocutor ou no público a imagem ou a ideia da existência dessas qualidades virtuosas independentemente se as mesmas existem. O filósofo destaca a qualidade de ser religioso entre as demais diante da forte influência da religião nos comportamentos e na tomada de decisões dos indivíduos.

Nos limites propostos por essa pesquisa científica, as pontuações citadas sobre o conceito de aparência em Maquiavel se mostram suficientes. Por isso, passa-se, a partir deste momento, para a abordagem do conceito trazido à baila sob a perspectiva arendtiana. Em seu livro *A condição humana*, Arendt refletiu sobre o espaço público e alegou que o termo “público” pode assumir dois sentidos, o sentido daquilo que “[...] pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (Arendt, 2022,

p. 61) e “[...] significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que privadamente possuímos nele” (Arendt, 2022, p. 64).

O primeiro sentido do termo “público” exposto por Arendt tem maior relevância para as pretensões delineadas no trabalho científico, pois se liga ao conceito de aparência, já que os seres humanos para serem vistos e ouvidos precisam aparecer para os demais, revelarem-se. Em outras palavras, essa aparição se dá no domínio da política, no espaço público, um ambiente onde os seres humanos convivem entre si e há uma pluralidade inerente. Os seres humanos possuem a possibilidade de sair do anonimato próprio da vida privada, restrita ao ambiente da família ou do lar, para adentrar ao espaço público, em que podem se valer da ação e do discurso, ouvir e serem ouvidos pelo outro, pelo diferente.

Todavia, a questão proposta por Arendt é muito mais profunda e não se restringe apenas à aparição do mundo, como também se coaduna com as denominadas semblâncias, pois a aparência que permite a revelação, pode propiciar o ocultamento da realidade:

Tal questão, inicialmente no modo como é tratada por Arendt, refere-se à aparição do mundo e ao parece-me (*dokei moi*) próprio de cada indivíduo que percebe este mundo. Aqui, a aparência pode me mostrar o mundo em sua realidade (que só será confirmada com a pluralidade humana), mas também pode me levar à ilusão, ao erro: semblâncias, isto é, aparências que em vez de revelar o mundo, escondem-no por meio de um mostrar que não é ele mesmo; o que aparece não é aquilo que é real e verdadeiro, mas é o falso que é por mim apreendido (Dias, 2022, p. 4).

Então, a aparência, em Arendt, diz respeito ao espaço público, onde os seres humanos podem exercer livremente a ação e o discurso, diante do demais, havendo uma aparição plural em meio ao mundo comum, o que se relaciona com o segundo sentido do termo “público” destacado anteriormente. Porém, essa aparência que pode mostrar o mundo em sua realidade concreta, a qual é ratificada pela aparição plural, também pode levar ao ocultamento dessa mesma realidade, por meio do erro ou da ilusão.

Dessa forma, a partir do conceito de aparência se pode aproximar os filósofos Maquiavel e Arendt, na medida em que essa estrutura conceitual se manifesta no domínio da política, entretanto há pontos de divergência importantes. Para finalizar esse tópico, será apresentada uma questão diferencial em relação à aparência em Maquiavel e em Arendt.

Pode-se alertar que, em se tratando da perspectiva de Maquiavel, “[...] no espaço público os homens não veem quem você realmente é, apenas sua aparência e apenas ela existe” (Adverse, 2008, p. 119). Isso significa que não há, obrigatoriamente, a necessidade da presença do outro como condição de existência do ser humano, pois aquilo que este é não é manifestado nesse momento de presença, embora em um ambiente privado tal preocupação com o ser se mostre de um modo diferente.

Quando o conceito de aparência é esmiuçado, tendo em vista a perspectiva arendtiana, percebe-se que aquele é uma condição de ser na vida política, permitindo a manifestação da pluralidade, como se viu no âmbito do espaço público. Em outras palavras, os seres humanos aparecem no espaço público compartilhando suas singularidades perante os demais que, igualmente, são únicos e distintos ao se mostrarem nesse ambiente.

Assim, o espaço público permite aos seres humanos a possibilidade de se revelarem e de se exporem da forma como são e serem vistos pelos demais a partir disso. Sobre tal situação, em um comentário relacionado a Arendt arremata Adverse (2008, p. 118): “[...] o que o homem é não pode estar desvinculado de seu aparecer”. Ou seja, Arendt retoma à antiga discussão metafísica sobre o ser e o aparecer.

Diferentemente de Maquiavel, Arendt reforça a importância da aparência como constituição da própria realidade, elevando a importância e a necessidade da presença do outro: “Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (Arendt, 2022, p. 61). Trata-se de uma relação, de uma troca, um mundo compartilhado, a partir do momento em que há o aparecimento no espaço público.

Portanto, o esforço científico foi aproximar, no que fosse possível, a partir do conceito de aparência, os dois pensadores da política, guardados os devidos limites temporais e conceituais indicados.

## **Considerações Finais**

O trabalho científico em questão se propôs a problematizar uma possível aproximação entre os filósofos Nicolau Maquiavel e Hannah Arendt. Para isso, objetivando-se a realização dessa aproximação, a pesquisa valeu-se de dois recortes

e perspectivas: a postura dos autores diante da tradição do pensamento político-filosófico e o conceito de aparência desnudado na obra *O Príncipe* e em *A condição humana*, respectivamente.

A hipótese levantada foi que essa aproximação entre os autores é possível de ser feita com base no recorte de suas obras apresentado no âmbito do objetivo geral, não se podendo esquecer dos pontos de divergência que foram suscitados.

Dessa forma, a hipótese sugerida se confirmou na medida em que os resultados da investigação foram sendo identificados, porém pontos de divergência também se revelaram e diante da importância dos mesmos foram devidamente destacados, a saber: os autores conseguiram identificar um esgotamento da tradição do pensamento filosófico em explicar o domínio político, por isso adotaram uma postura em relação a essa tradição em uma tentativa de partir dela para se afastar da mesma com o intento de ressignificar a política, explorando-a internamente no âmago do ser dos assuntos humanos; o conceito de aparência desenvolvido pelos filósofos encontra pontos de convergência, quando o mesmo é destacado como domínio da política, porém há pontos de divergência, pois a aparência é uma condição de ser na vida política em Arendt, o que não ocorre, necessariamente, em Maquiavel.

A pesquisa conclui, dentro dos limites inerentes à investigação, que pelo recorte citado, é possível estabelecer um diálogo entre Hannah Arendt e Nicolau Maquiavel, ambos pensadores marcados pela preocupação com o domínio da política. Tais filósofos apresentaram posições críticas quanto à tradição filosófica e elaboraram um conceito de aparência interessante para a vida política, embora no interior deste se possa visualizar, como se destacou, certas diferenças nos projetos filosóficos citados.

## Referências

ADVERSE, Helton. Política e aparência. Hannah Arendt leitora de Maquiavel. **Síntese: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 111-128, 2008.

AGUIAR, Odílio Alves. Hannah Arendt e o filósofo como *storyteller*. **Revista Perspectiva**, Palmas, v. 2, n. 06, p. 3-14, dezembro, 2021.

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 13. ed. Tradução de Roberto Raposo. Revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2022.

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 9. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2022.

ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

BIGNOTTO, Newton. **O jovem Maquiavel: o aprendizado da política**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2024.

DIAS, Lucas Barreto. **Os métodos de Hannah Arendt: uma moldura a partir da fenomenologia, da filosofia da existência e da hermenêutica**. 2019. 251 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DIAS, Lucas Barreto. Totalitarismo e mundo de semblâncias a partir de Hannah Arendt. **Cadernos Arendt**, Teresina, v. 2, n. 3, p. 1-17, 2022.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **A filosofia explica Bolsonaro**. São Paulo: Leya, 2019.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SILVA, Ricardo George de Araújo. A questão dos refugiados e a ideia de pertencimento ao mundo em Hannah Arendt. **Revista Philótopos**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 377-414, jan./jun. 2018.

Recebido: 15/07/2025  
Aprovado: 20/10/2025